

# Ser argentino: reflexões acerca das representações identitárias na *trilogia de la memoria* de Pedro Orgambide

Fernanda Palo Prado\*

## Resumo

O escritor Pedro Orgambide viveu 9 anos exilado no México durante o período da última ditadura civil-militar da Argentina, seu país natal. Assim que voltou a Buenos Aires publicou uma série de romances que ficou conhecida como *trilogia de la memoria*. A proposta desse artigo é refletir sobre as representações identitárias em cada uma dessas obras. De cada romance, um personagem foi escolhido para mobilizar essa reflexão que abordará temas como a representação do *gaucho*, de imigrante[s] e do peronismo, como partes de um processo de formação de um sentido – complexo e mutante – de identidade nacional, parte da construção de um universo social.

Palavras-chave: identidade, romance argentino, história argentina

## Abstract

Pedro Orgambide was a writer who has lived 9 years in exile in Mexico during the period that involves the last dictatorial processes of Argentina, his native country. As soon as he returned to Buenos Aires he has published a series of novels that was known as *trilogia de la memoria*. The purpose of this article is to reflect on identity representations in each of these works. From each novel, a character was chosen to guide a reflection such as the representation of *gaucho*, immigrant[s] and peronism, as part of a process of formation of a sense – complex and mutant – of national identity, part of the construction of a social universe.

Keywords: identity, Argentine romance, Argentine history

\* Doutoranda do Programa de História Social, FFLCH/USP, ppradofe@usp.br.

## Introdução

Dos corredores da algazarra do mercado, dos pátios dos cortiços, dos terraços, dos telhados de zinco, dos anjos de gesso, das cornijas, das molduras, das sacadas, das ferragens, do fundo da cisterna, das caixas de correio, das pérgulas, das colunas de ferro, sai aquele cheiro de chuva, o ozônio do ar e depois, nas alturas de Barracas, um relâmpago, um trovão e a água fina, a garoa que molha a calçada. Enzo respira a cidade. Olha para os dormentes e casas de lata ao lado de Boca do Riachuelo. Para Enzo, a cidade já é sua, vendo-a do alto da boleia.  
- “Eu vou ser argentino”, diz.<sup>1</sup>

Afinal o que essa afirmação ao final desse primeiro excerto significa? Em que medida a identidade argentina está representada na trilogia de romances de Pedro Orgambide? Ou, ao contrário, em que medida o próprio texto de Orgambide pode criar uma representação identitária para seu país natal? Ou, ainda, quais são as relações que se pode estabelecer entre o escritor exilado e o sentimento de identificação nacional?

Essas são apenas algumas das questões sobre as quais se pode pensar entre a formação do sentido da identidade, preponderantemente a nacional, e as representações contidas no texto narrativo ficcional como no trecho apresentado acima: nele, Enzo, um italiano da Calábria, está no berço da cidade de Buenos Aires, um lugar representativo da cidade-porto, que foi toda construída voltada para fora, no momento de sua afirmação: quer ser argentino.

O eixo principal deste artigo é a problemática acerca das identidades, que envolve a questão da identificação nacional, que não será tratada aqui como algo naturalizado mas, sim, como algo em constante processo de [re]construção e [re]combinação. Utiliza-se, portanto, a premissa de que “as identidades são construídas pelo discurso e constituem o real, integram o jogo conflituoso dos imaginários e das representações e, ao mesmo tempo, tocam os corações e despertam a sensação de pertencimento do indivíduo a uma coletividade”<sup>2</sup>. Pensar as identidades remete a uma discussão complexa que abarca diferentes campos do conhecimento que, sobretudo em relação à nacionalidade, ao sentido de pertencimento nacional, não possuem uma definição unívoca e cerrada, sendo uma questão intrigante e sem consenso analítico.<sup>3</sup>

A proposta, portanto, é refletir sobre as representações da identidade argentina na trilogia da memória de Pedro Orgambide.<sup>4</sup> De cada volume da trilogia será apresentada uma

---

<sup>1</sup> [Tradução nossa] ORGAMBIDE, Pedro. *Hacer la América*. Buenos Aires: Bruguera, 1984, p. 32. Trecho original: “De los zaguanes de la fiesta del mercado, de los patios del conventillo, de las terrazas, de los techos de zinc, los ángeles de yeso, las cornisas, las molduras, de los balcones, de las ferreterías, del fondo del aljibe, de los buzones, las pérgolas, las columnas de fierro, sale ese olor a lluvia, el ozono del aire, y luego, sobre los altos de Barracas, un relámpago, un trueno, y el agua fina, la garúa que moja el empedrado. Enzo aspira la ciudad. Mira los durmientes y las casas de lata junto a la Boca del Riachuelo. Para Enzo, la ciudad ya es suya desde lo alto del pescante.  
– “Voy a ser argentino”, se dice.”

<sup>2</sup> PRADO, Maria Ligia Coelho. “Uma introdução ao conceito de identidade” In: BARBOSA, Barbosa; GARCIA, Tânia da Costa (orgs.). *Cadernos de Seminário Cultura e Política nas Américas*, Volume 1, 2009. Disponível em <<http://historia.fflch.usp.br/sites/historia.fflch.usp.br/files/CSP1.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2019, p. 66.

<sup>3</sup> Cf. ANDERSON, Benedict. “Introdução”. In.: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 7-22.

<sup>4</sup> À guisa de apresentação, Pedro Orgambide é um escritor argentino, nascido em 1929 e falecido em 2003. É um escritor profícuo que transitou por diversas categorias da escrita e através de seus trabalhos imprimiu

figura representativa, construída pelo autor; o que em outras palavras significa que se trata de figuras tratadas por ele como representantes da nacionalidade argentina. Esta trilogia foi publicada em Buenos Aires entre os anos de 1983 e 1985, durante a retomada de um regime democrático na Argentina. Do primeiro volume, *Arrabal del Mundo*, serão analisadas as representações acerca da figura do *gaucho*; do segundo, *Hacer la América*, as de imigrante[s]; e, do terceiro, *Pura memoria*, as do dia 17 de outubro de 1945, como data chave do que veio a ser o peronismo.

Mesmo tendo seu compromisso vinculado à ficção, à imaginação, “a literatura se compromete (...) com a perigosa tarefa de definir o ser [ou o indivíduo]”.<sup>5</sup> Com base nesse pressuposto, recorre-se a Chartier para afirmar que as representações extraídas de cada obra serão consideradas como as matrizes de discurso e ou práticas diferenciadas (...) que têm por objetivo a construção de um mundo social e, como tal, a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua”,<sup>6</sup> e é a construção desse mundo social e dessa identidade nacional que será focalizada a partir das figuras já anunciadas.

### Primeiro romance

O [*gaucho*] rastreador [que procurava El Tigre sob o comando do Capitão-Geral] desceu do cavalo e arrancou algumas ervas daninhas e as mastigou e viu à distância um sinal furtivo; ele então se inclinou sobre a terra e descobriu um sinal empoeirado; acrescentou a esses dados outros sinais (um galho quebrado, o traço mal disfarçado em um atalho, a indicação de outros signos que só ele poderia descobrir) e olhou para a margem do rio: é onde a sombra do Tigre vai, eu posso ver, enxergo-a por trás de um palheiro, sinto sua astúcia (...). Compelido a matar ou a morrer, El Tigre estava deixando a minúcia de sua desgraça que o rastreador recolhia, muito seriamente, na vanguarda da tropa, no trabalho solitário de perseguir e decifrar os sinais. Ele não tinha arma, mas uma faca. Mas não era sua arma. A outra, a temida, estava em sua cabeça, em seu ouvido, em seu olfato, na capacidade de discernir o disperso. Essa era sua arte, sua força.<sup>7</sup>

---

seu jeito de ver o mundo. Filho de imigrantes judeus, de inclinação peronista, exilou-se no México em 1974, depois da morte de Perón, onde morou por 9 anos; retornando, portanto, à sua terra natal em 1983, com a volta dos processos democráticos. Este é o momento em que ele decide publicar sua trilogia que havia sido escrita durante o exílio.

<sup>5</sup> [Tradução nossa] CAMPRA, Rosalba. *América Latina: la identidad y la máscara*. México: Siglo XXI, 2007, p. 23. Trecho original: “la literatura se hace cargo (...) de la peligrosa tarea de definir el ser”.

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger. *História cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988, p. 18.

<sup>7</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *El arrabal del mundo*. Buenos Aires: Bruguera, 1983, p. 22. Trecho original: “El rastreador [que buscaba El Tigre a mando del Capitán General] bajó del caballo y arrancó unos yuyos y los masticó y vio a lo lejos una señal furtiva; se inclinó luego sobre la tierra y descubrió un signo polvoriento; unió esos datos a otras señales (una rama quebrada, la huella mal encubierta en un atajo, la delación de otros signos que sólo él podía descubrir) y se quedó mirando la orilla del río: por ahí va la sombra del Tigre, puedo verla, la estoy viendo detrás de un pajonal, presiento sus astucias (...). Compelido a matar o morir, El Tigre iba dejando las minucias de su desgracia que el rastreador recogía, muy serio, a la vanguardia de la tropa, en el trabajo solitario de perseguir y descifrar los signos. No llevaba más arma que un facón. Pero no era su arma. La otra, la temida, estaba en su cabeza, en su oído, en su olfato, en la capacidad de discernir lo disperso. Ese era su arte, su fortaleza.”

Esse é um trecho do início do primeiro romance da trilogia, intitulado *El arrabal del mundo*. A história é narrada, principalmente, por Fabián, um *criollo*<sup>8</sup>, filho de um senhor de terras que foi assassinado pelo capitão-geral da região por ser um ilustrado, amante dos ideais franceses no período pré-independência. Órfão de mãe, desde o nascimento, e de pai, o jovem decide vender as terras a um *caudillo*<sup>9</sup> e rumar para a cidade com seu preceptor, frei Baltasar. Na cidade, Fabián é recebido pelo grupo dos intelectuais que está planejando a expulsão dos ingleses de Santa Maria de Buenos Ayres.

Esse romance pode ser dividido em duas partes: a primeira, onde estão postos os motivos pelos quais o jovem Fabián deixa o interior, o assassinato de seu pai, a venda das terras e sua viagem. Aqui também é apresentado o núcleo dos *gauchos*<sup>10</sup>, encabeçado por El Tigre que, nessa primeira fase da obra, teve sua mulher e filho assassinados também pelo capitão-geral. El Tigre é procurado pela justiça e, motivado por esse incidente, vingará a morte dos seus. O segundo momento da obra é quando Fabián já está na cidade, com o grupo de intelectuais com quem discute sobre arte e política, completando – inclusive – sua formação humana. Por conta desse engajamento, viaja ao pampa para chamar o grupo de *gauchos* para a investida contra os ingleses no processo de independência.

A partir dessa brevíssima apresentação da obra, voltando ao trecho citado anteriormente, pode-se perceber práticas culturais rurais de forte ligação com a natureza: “a identidade gauchesca se explicita e, por oposição à da cidade, se configura como demanda social para afiançar seu pertencimento geocultural”.<sup>11</sup> Além disso, tratam a figura do *gaucho* como “habitantes nômades das grandes planícies da Argentina, do Uruguai e do Brasil”, que nomeia, em seu uso corrente, os “membros da classe trabalhadora rural”<sup>12</sup>:

como um peão de permanência, [que] não pode cruzar os limites do mesmo sem a autorização do empregador. Transgredir essas normas é um crime; o estancieiro impõe suas próprias leis, suas condições abusivas. José Hernández testemunhou esses infortúnios em seu *Martín Fierro*<sup>13</sup>, contando e

<sup>8</sup> O uso do termo em espanhol será mantido para explicitar as diferentes acepções do termo que em português adquire outro significado. Se em espanhol, *criollo* representa os descendentes de espanhóis nascidos em terras do continente americano; seu correlato em português, crioulo, se refere às pessoas de pele negra, ou descendentes de africanos nascidos no Brasil.

<sup>9</sup> Nesse contexto dos processos de independência das colônias espanholas, trata-se de um chefe local que exerce influência sobre uma comunidade e que pode ter, ao seu redor, um grupo armado que pode se assemelhar a um exército.

<sup>10</sup> A utilização do termo em espanhol é para destacar a presença cultural dos *gauchos* na cultura argentina.

<sup>11</sup> [Tradução nossa] HEREDIA, Pablo. “La voz del gacho en la revolución: entre la patria y la facción” In: HEREDIA, Pablo; BOCCO, Andrea. *Asperos clamores (la literatura gauchesca desde Mayo hacia Caseros)*. Córdoba: Alción Editora, 1996, p. 60. Trecho original: “La identidad gauchesca se hace explícita y, por oposición a la de la ciudad, se configura en demanda social para afianzar sus pertenencias geoculturales.”

<sup>12</sup> SHUMWAY, Nicolas. *A invenção da Argentina: história de uma idéia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília: Editora UnB, 2008, p. 36.

<sup>13</sup> Referência à obra de José Hernández, um poema narrativo, intitulado *El gaucho Martín Fierro*, publicado, primeiramente, em 1872, e que foi completado com a publicação da segunda parte, em 1879, intitulada *La vuelta de Martín Fierro*. José Hernández, com esta obra, consolidou o mito do *gaucho* como figura nacional argentina. Os dois volumes foram publicadas originalmente como livretos baratos que circularam assim até que em 1910 eles foram reunidos em forma de livro. Em linhas gerais, trata-se das desventuras do *gaucho* que nomeia a obra. Na primeira parte, ele, antes um trabalhador que queria permanecer em sua pequena propriedade rural, é obrigado a largar a terra em nome do Estado para trabalhar na fronteira, nas lutas contra os índios “indómitos”. Martín Fierro deserta e, bêbado, acaba provocando uma briga com um negro

cantando as misérias do desemprego, a marginalização e a punição do rebelde gaúcho.<sup>14</sup>

Recuperar e contextualizar essa figura não é uma exclusividade do poema de José Hernández; há uma vasta produção literária que evoca essas representações, como, por exemplo, uma que não pode deixar de ser ao menos nomeada e que serviu de referência na construção de *El Tigre: Facundo: civilização e barbárie*<sup>15</sup>, de Domingo Faustino Sarmiento. Seguimos com o romance:

Os homens do Tigre cavalgaram para o sul, para o deserto e para o ajuntamento dos índios ou para as cidades mesquinhas e para a solidão e os subúrbios da Cidade hostil (...) galoparam pela planície despedindo-se, porque agora é necessário se dispensar até que El Tigre os reúnam novamente e agora [cada um deles] tem que se perder, fumar, a cada dois, três ou sozinhos, porque a derrota é paga, compadre, com crianças abandonadas e taperas e pequenos trabalhos nos laticínios e roubos e aventuras de *gauchos malos* que o *payador*<sup>16</sup> exagera; e é assim, dom, um se faz de tonto até que a *gauchaje*<sup>17</sup> o chama, e então sai um homem do rancho, outros da *pulpería*<sup>18</sup>, e o monte está armado novamente.<sup>19</sup>

---

que acaba em morte. Ele o mata em frente à sua mulher e, ainda, a humilha. Já no segundo momento, o irmão do negro desafia Martín Fierro, num primeiro momento, para uma *payada*. Dela, parte-se para o duelo de facas que é aceito mas Martín Fierro foge, representando a tentativa de reinserção à sociedade, deixando a barbárie mas esta inserção lhe é negada

<sup>14</sup> [Tradução nossa] ORGAMBIDE, Pedro. “Prólogo” In: *Los desocupados: una tipología de la pobreza en la literatura argentina*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 1999, p. 10. Trecho original: “como peón de estancia, [que] no puede franquear los límites de la misma sin la autorización del patrón. Transgredir esas normas es delito; el estanciero impone sus propias leyes, sus condiciones abusivas. De esas desventuras dio testimonio José Hernández en su *Martín Fierro*, contando y cantando las miserias de la desocupación, de la marginalización y del castigo del gaucho rebelde.”

<sup>15</sup> Essa obra foi escrita durante o desterro de seu autor, no Chile, em 1845, e publicada originalmente no jornal *El Progreso* e, em seguida, organizada em um livro no qual foram incluídos os dois últimos capítulos. Trata-se de um texto híbrido, se é que o podemos assim simplificar em toda sua complexidade inclassificável; em suas páginas, têm-se tom jornalístico, passagens sociológicas e antropológicas, relatos de viagens, resquícios autobiográficos, proposições ensaísticas e ficcionais... A obra é dividida em três partes principais (desconsiderando-se, aqui, a “advertência do autor”, a introdução e a carta Don Valentino Alsina). A primeira é uma descrição geográfica, histórica e antropológica, com referências a costumes e tradições locais; neste momento, faz-se uma alusão ao passado: são os primeiros quatro capítulos (“Aspecto físico da República Argentina e caracteres, hábitos e ideias que ele engendra”, “Originalidade e caracteres argentinos”, “Associação – a pulpería” e “Revolução de 1810”). A segunda – e mais longa – parte é a biografia de Facundo Quiroga (personagem nascido em La Rioja, Argentina, no ano de 1788, e morto em Córdoba, naquele mesmo país, em 1835), mesclada à situação de guerra em que se vivia, ocupando os nove capítulos centrais (“Vida de Juan Facundo Quiroga”, “La Rioja”, “Sociabilidade”, “Ensaio”, “Guerra Social” – apresentada em quatro partes – e “Barranca-Yaco!!!”). No final, a terceira parte, dividida em dois capítulos (“Governo unitário” e “Presente e porvir”), trata do futuro, do projeto de governo a que se quer chegar: o autor cria um esboço de um programa liberal para a Argentina pós-Rosas, momento do triunfo da “civilização”.

<sup>16</sup> Figura popular do improvisador de versos.

<sup>17</sup> Conjunto de *gauchos*.

<sup>18</sup> Definição extraída de um ensaio de Pedro Orgambide, intitulado *El malevaje*: ““La pulpería (como más tarde será el almacén) es su [del gaucho] casa, su hogar de hombre, su conventual refugio. Casa de esquina, para requintar el ocio, para apoyarse, entre cansado y desafiante, para campanear el mundo” (ORGAMBIDE, Pedro. *Yo, Argentino*. Buenos Aires, Editorial Jorge Alvarez, 1968, p. 12)

<sup>19</sup> [Tradução nossa] ORGAMBIDE, Pedro. *El arrabal del mundo*, p. 27 (grifo acrescentado). Trecho original: “Los hombres del Tigre cabalgaron hacia el sur, hacia el desierto y las rastrilladas de los indios u los pueblos mezquinos y la soledad y los suburbios de la Ciudad hostil (...) galoparon el llano despidiéndose, porque ahora hay que dispensarse hasta que El Tigre nos junte de nuevo y ahora hay que perderse, hacerse humo, de a dos, de a tres o solos, porque la derrota se paga, compadre, con hijos abandonados y taperas y trabajos chicos en las vaquerías y robos y andanzas de *gauchos malos* que el *payador* exagera; y así es la cosa, don, uno anda de zonzos hasta que el *gauchaje* lo llama, y entonces sale un hombre de rancho, otros de la pulpería, y se arma el montón otra vez.”

*Gaicho malo* (gaúcho mau) é uma tipificação apresentada por Sarmiento, na obra citada anteriormente: é perseguido pela justiça, mora no pampa e é “divorciado da sociedade, proscrito pelas leis”, não sendo propriamente um bandido<sup>20</sup>. Na passagem anterior, há menção à localização geográfica do *gaicho*(o deserto, o pampa), sendo esse um personagem não querido na cidade que o recebe de forma hostil e a ação descrita é a de separação do grupo porque fogem, porque abandonam filhos, porque se escondem entre uma *pulperia* e outra, entre um roubo e outro, até que são juntados novamente, como acontecerá no romance. Depois dessa dispersão, El Tigre convoca seus homens para lutar na cidade.

Outro fio que se pode estender nesta análise é o dessa relação entre cultura e identidade nacional, retomando a ideia de uma “Argentina invisível”<sup>21</sup>, de “homens que haviam mantido a espiritualidade, a autenticidade, a solidariedade, a moral orientada pelos valores coletivos e a sabedoria simples, voltada para a exaltação da vida”<sup>22</sup>, criticando a modernização urbana, localizando-a nas províncias e buscando suas matrizes *criollas*: uma Argentina dividida, tendo como figura representativa da especificidade nacional o *gaicho*.

Se considerarmos a hipótese central de Hall, de seu livro *A identidade em questão*, no sentido de que as identidades modernas estejam “descentradas”, “fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade”, formando “sociedades de mudança constante, rápida e permanente”, em que haverá “diferentes elementos e identidades” em processo de articulação e (re)combinação<sup>23</sup>, a figura do *gaicho* é múltipla. Um dos elementos que o destacam, além de sua origem social e de sua caracterização geográfica, é o seu modo de falar, sua língua. Por esse motivo, pode-se afirmar que a oralidade presente nos trechos citados não é apenas um elemento estético para dar fluidez à narrativa mas, também, uma outra forma de representar esse grupo, com sua própria linguagem, que “incorpora, de um modo livre e assistemático, a língua falada, imitando o dialeto rural rio-platense”<sup>24</sup>, apresentando uma memória da coletividade rural na fala cotidiana que também está representada nas *payadas*<sup>25</sup> que aparecem ao longo do romance como esse terceto, sempre indicado pelos parêntesis e pelos grifos em itálico:

(– Linda luna.

<sup>20</sup> Cf. SARMIENTO, Domingo Faustino. “O gaúcho mau” in: *Facundo ou civilização e barbárie*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 115-118.

<sup>21</sup> Concepção de Eduardo Mallea, intelectual argentino do final da década de 1930 que, entre outras questões, desenvolve uma série de estudos na busca do ‘caráter argentino’ e de encontrar os males de sua nação in: CAPELATO, Maria Helena Rolim. “Intelectuais latino-americanos: o ‘caráter nacional’ em questão” In: *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 28, jul. 2009, p. 71.

<sup>22</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Op. cit.* p.71. A crítica à modernização da cidade de Buenos Aires e a localização dessa “Argentina invisível” também estão neste texto, nas páginas 72 e 73.

<sup>23</sup> HALL, Stuart. *A identidade em questão*. Rio de Janeiro: DP&A, 11<sup>a</sup> edição, 2006 [Os trechos são, respectivamente, das páginas 8, 9, 14 e 17.]

<sup>24</sup> [Tradução nossa] BOCCO, Andrea. “*La gauchesca en el período rosista: entre lo legítimo y lo clandestino*” In: *HEREDIA, Pablo; BOCCO, Andrea. Asperos clamores (la literatura gauchesca desde Mayo hacia Caseros)*. Córdoba: Alción Editora, 1996, p. 105. Trecho original: “incorpora de un modo libre y asistemático, la lengua hablada, remedante del dialecto rural rioplatense”. Nesta passagem a autora cita a obra de Ángel Rama, *Los gauchi políticos rioplatenses*, CEAL, 1982.

<sup>25</sup> *Payada*, segundo o Dicionário online da Real Academia Española, é a competência de improvisar cantos sobre um mesmo tema.

- Y alcahueta.
- Cierta. Denuncia al hombre y al tigre.)<sup>26</sup>

Ainda neste romance, a figura do *gaucho* está presente também na fala dos intelectuais que estão pensando a formação da nação. Esses personagens, na trama, se comunicam por através de cartas que compõem a narrativa. Em algumas delas, a grande discussão é acerca do próprio processo pelo qual estão passando: o da independência. Com ele, há a necessidade de formação de uma identidade nacional, evidenciando a ideia da construção de um sentido para a pátria, não sendo ela algo naturalizado e que, além de ser cultural, envolve “razão e sentimento, ligando-se umbilicalmente às paixões políticas, às emoções coletivas, que supõem amor ou ódio a uma determinada causa”<sup>27</sup>: “(...) é o mesmo país o do banqueiro e o do soldado? ... o do cortesão ocioso e o das populações famintas? ... o do rei e da comunidade de artesãos”.<sup>28</sup>

[E, ainda:]

Herdeiros de senhores e escravos, nós que nos chamamos *criollos* e americanos devemos entender isso sem grandes ênfases ou ofuscações. Hoje, os taquanhos escribas da Inglaterra e da Espanha estão em luta. (...) Quem somos [nós] desse lado do mar? Escravos, artesãos, dependentes, fazendeiros, proprietários, comerciantes, índios, *gauchos* e negros. Somos da mesma coisa? Claro que não. Pelo menos, não criamos uma consciência unitária (que significaria a ideia de uma nação) que reconcilia nossas próprias lutas e interesses.<sup>29</sup>

Quem escreve essas cartas é Don Mariano, figura que representa o grupo de intelectuais que irá se ocupar dessa construção, tal qual o fizeram a “geração de 1837”<sup>30</sup>, por exemplo. Esse último, extrapola a figura de representação do *gaucho* que é um dos representantes centrais da nacionalidade argentina mas amplia a questão do pensar o nacional, nesse momento de início dos processos de independência e insere a discussão de que identidade não é algo naturalizado e que, portanto, é preciso construir a ideia da nação, o sentido para a identidade deste grupo, percebendo as cores locais na figura do *gaucho*.

---

<sup>26</sup> [Tradução nossa] ORGAMBIDE, Pedro. *Op. Cit.*, 1983, p. 106. Trecho original: “(– Linda luna./ – Y alcahueta./ – Cierta. Denuncia al hombre y al tigre.)”. Nota: a reprodução manteve-se fiel a como está apresentado originalmente no romance.

<sup>27</sup> PRADO, Maria Lígia Coelho. *Op. Cit.*, p. 67.

<sup>28</sup> [Tradução nossa] ORGAMBIDE, Pedro. *Op. Cit.*, 1983, p. 53. Trecho original: “¿es la misma patria la del banquero y el soldado?... ¿la del ocioso cortesano y las poblaciones hambrientas? ... ¿la del rey y los artesanos comuneros?”

<sup>29</sup> [Tradução nossa] *Id. ib.*, p. 44. Trecho original: “Herederos de los amos y de los esclavos, nosotros, los que nos decimos criollos y americanos, debemos entender esto sin mayores énfasis ni ofuscaciones. Hoy, los mezquinos amanuenses de la Inglaterra y España están en lucha. (...) ¿Quiénes estamos de este lado del mar? Esclavos, artesanos, dependientes, ganaderos, propietarios, comerciantes, indios, gauchos y negros. ¿Somos de la misma cosa? Desde luego que no. Al menos, no hemos creado una conciencia unitaria (lo que significaría la idea de nación) que concilie nuestras propias luchas e intereses.”

<sup>30</sup> Segundo Molina (2013), foi fundada da Universidade de Buenos Aires, em 1822, pelo primeiro presidente argentino Bernardino Rivadavia. Com isso, ainda seguindo Molina, “Os programas e os conteúdos das disciplinas ministradas nessa instituição acompanhavam as novidades europeias em matéria de: Ideologia, Direito, Economia Política etc. Foi nessa universidade, e por meio de bolsas outorgadas pelo próprio Rivadavia, que se reuniu e se formou a chamada “geração de 1837”, composta por jovens provenientes das províncias do interior e portenhos.” Ou seja, tratava-se do grupo de intelectuais, dentre os quais estão Esteban Echeverría, Juan Bautista Alberdi, Bartolomé Mitre e Domingo Faustino Sarmiento, que exerceu influência política no período de construção do estado liberal na Argentina.

## Segundo romance

Argentinos, italianos,  
Galegos, turcos, judeus  
Fazem o ninho juntos  
Porque todos são irmãos.<sup>31</sup>

A formação e a consolidação do Estado nacional argentino foram partes de um processo conflagrado, marcado por conflitos internos que se estenderam por um longo período. Somando-se a esse cenário turbulento, na passagem do século XIX para o XX, a população aumentou consideravelmente e essa avalanche imigratória “permitiu que a população argentina, normalmente pequena e dispersa, quadruplicasse entre 1869 e 1914: dos cerca de 1,8 milhão de habitantes contados em 1869, saltou-se a mais de 3 milhões em 1890 e a quase 8 milhões na metade dos anos dez do século XX”.<sup>32</sup>

“A chegada dessa multidão de estrangeiros em Buenos Aires, segundo o autor [Eduardo Mallea<sup>33</sup>], além de tornar a cidade desumana, comprometeu a identidade nacional e modificou a mentalidade do povo argentino”.<sup>34</sup> As imigrações são o tema central desse segundo romance da trilogia intitulado *Hacer la América* cuja narrativa articula uma série de personagens que podem ser divididos na base do binarismo argentino – imigrantes e nascidos no país. Esses personagens vão se relacionando de diferentes formas, nas sequências fragmentadas do romance, permitindo muitas vozes, com suas ressonâncias e traduzindo, em seu título, o “lugar comum e [o] sonho incompleto”<sup>35</sup> desses imigrantes que chegaram a Argentina para “fazer a América”, em um intervalo de tempo que vai de fins do século XIX até começos do XX.

Aportaram na cidade portenha, dentre muitos, um calabrés que será apadrinhado por um *gaucho* e que fará fortuna como sócio de um conterrâneo empreendedor; há, ainda, um *gallego* que imigra sozinho e vai trabalhar como estivador e ajudante de um primo que fez fortuna na cidade para, então, mandar o dinheiro para trazer a família de um povoado do interior; tem-se um judeu que imigrou com toda sua família primeiramente para a província e, depois, para a capital federal... Estes são alguns dos personagens deste romance que narra como cada um desses núcleos de personagens (entre outros não mencionados) se adaptam ao cotidiano local, como aprendem a língua local, o manuseio e uso das facas (típicas do *gaucho*), o tango com seu *bandoneón*...

– Olha se o gringo vai ser sonso, adormecer no curral! (...) Não sei o que [ele] diz, não entendo. (...) Pra mim, são todos iguais: brancos como leite e com os

---

<sup>31</sup> [Tradução nossa] Id. *Hacer la América*. Buenos Aires: Bruguera, 1984, p.184. Trecho original: “Argentinos, italianos,/ Gallegos, turcos, judíos,/ Hacen bien juntos el nido/ Porque todos son hermanos.” Nota: a reprodução manteve-se fiel a como o apresentado originalmente no romance.

<sup>32</sup> PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luís Borges*. São Paulo: Estação Liberdade: FAPESP, 1998, p. 50.

<sup>33</sup> Cf. nota 22.

<sup>34</sup> CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Op. Cit.*, p. 72.

<sup>35</sup> [Tradução nossa] ORGAMBIDE. Pedro. “Ofício de Narrador”. In: *Hispanica*. Ano 10, No. 30, Dec., 1981, p. 103. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/20541924>>. Acesso em 16 jan. de 2019. Tradução livre do trecho: “lugar común y sueño incumplido”.



olhos de um papagaio. (...) Afina ele é cristão, não? Dizem que vêm de longe para trabalhar a terra que tomamos dos infiéis.<sup>36</sup>

Para a construção da identidade, há de se compreender seu binômio com a alteridade. Este trecho evidencia o contato com o diferente, buscando estabelecer as diferenças (embora todos pareçam iguais em seus semblantes, falam outras línguas, não conhecem os costumes) e as semelhanças (são cristãos):

(...) é fundamental lembrar as concepções do antropólogo jamaicano, Stuart Hall, para quem as identidades construídas estão sempre em movimento, em contínua transformação. Desse modo, a análise das identidades supõe acompanhar o intrincado e contraditório movimento de inclusão e exclusão, de lembrança e esquecimento, de semelhança e diferença, de harmonia e tensão, atravessado por relações de poder.<sup>37</sup>

Então, desse contato com o Outro e com sua incorporação ao cotidiano local é que será forjada a identidade argentina. Multidões chegavam todos os dias e se apresentavam a uma sociedade que era relativamente pequena e estava em processo de formação, consolidação. Retomemos o romance:

No porto estavam a Sra. Toppler, o Sr. Fishermbaum, pessoas da comunidade e um funcionário muito sério do governo recolhendo os documentos dos imigrantes. (...) Desciam libaneses, alguns italianos, mas espanhóis atrasaram (...) que navio é esse que não traz espanhóis? Mas eles já estavam lá, os reconheceu por suas boinas, seu andar, as ordens do pai para a família, os crucifixos, os xales, os “zês” da sua fala.<sup>38</sup>

Percebe-se um cenário movimentado, vinham, ademais, imigrantes provenientes de zonas mais atrasadas, muito embora a expectativa fosse estimular a imigração do norte europeu. No trecho acima aparecem algumas dessas paragens: Líbano, Espanha, Itália, tendo vindo também grupos mais modestos, por exemplo, de judeus russos, como é o caso do núcleo de personagens de David Burtfichtz, que representa o judeu errante como o próprio autor, filho de imigrantes judeus que, por sua vez, também teve que deixar sua terra natal. Neste primeiro diálogo, o próprio David é questionado pelo sogro:

Quer ir? América, você diz? Você quer levar minha Rachel e minha Liuba? Você acha que lá você encontrará a paz? Não há paz para nós, David. Você pode escapar dos cossacos, você pode se esconder no fim do mundo, mas lá você também vai encontrar mal, ódio pelo nosso povo. Não acha? E o que você sabe sobre a América, David? Você leu alguns livros, você tem, como dizem, uma boa educação. Mas você sabe, David? Você é um judeu, um leproso que deve ser mantido longe; você sempre será diferente dos outros.<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> [Tradução nossa] ORGAMBIDE, Pedro. *Op. cit.*, 1984, p 8-9. Trecho original: “- ¡Miren si será sonso el gringo éste, quedarse dormido en el potrero! (...) No sé qué dice, no lo entiendo. (...) Pa mí son todos iguales: blancos como la leche y con los ojos de cotorra. (...) Al fin es un cristiano ¿no? Dicen que vienen de muy lejos para trabajar la tierra que le quitamos a los infieles.”

<sup>37</sup> PRADO, Maria Ligia Coelho. *Op. cit.*, p. 68.

<sup>38</sup> [Tradução nossa] ORGAMBIDE, Pedro. *Op. cit.*, 1984, p. 34. Trecho original: “En el puerto los esperaba la señora Toppler, el señor Fishermbaum, gente de la colectividad, y un empleado del Gobierno, muy serio, que iba recogiendo los papeles de los inmigrantes. (...) Bajaban los libaneses, algunos italianos, pero los españoles se demoraban (...) ¿qué barco es éste que no trae españoles? Pero ya estaban allí, los reconoció por sus boinas, su andar, las órdenes del padre a la familia, los crucifijos, las pañoletas, las zetas de su habla (...).”

<sup>39</sup> [Tradução nossa] ORGAMBIDE, Pedro. *Op. cit.*, 1984, p.17. Trecho original: “¿Te quieres ir? ¿A América dices? ¿Quiere llevarte a mi Raquel y a mi Liuba? ¿Crees que allí encontrarás la paz? No hay paz para nosotros, David. Puedes escapar de los cosacos, puedes ocultarte en el fin del mundo, pero también allí

Essa maldade e esse ódio aparecem em diversas passagens do romance e estão também presentes na história argentina, em que houve perseguições à comunidade judaica. Como afirma Finchelstein: “foi durante a chamada Semana Trágica de 1919 quando o antissemitismo argentino transcendeu os escritos e se converteu em prática vitimizadora. Então, foi com os fascistas nas décadas de 30 e 40 que o nacionalismo antisemita ocupou um lugar principal”.<sup>40</sup>

[E, ainda:]

O que importa para onde estamos indo? Vamos para onde não nos matem, Liuba. Isso é tudo que um judeu pode esperar. Olha, minha boneca, olha, meu amor, é melhor você parar de sonhar com a América, certo? O que seu pai ganhou com o sonho? Olhe para isso, lendo seus livros como sempre. Você poderia salvar seu irmão com livros? Não, não é verdade?<sup>41</sup>

Retornando ao personagem apresentado, ao imigrar, David vai com a família viver na colônia judaica na província, na terra adentro, integrando o grupo de *gaúchos judíos*<sup>42</sup>. Depois de um tempo, eles mudam-se para Buenos Aires, para o bairro judeu. David, que vai ter o mesmo final que o sogro [brutalmente assassinado], terá uma papelaria e lá verá pintado no muro manifestações explícitas de ódio, de intolerância religiosa: “FAÇA A PÁTRIA. MATE UM JUDEU”<sup>43</sup> por obra de jovens que estavam de carro e que, ainda, ao terminarem o feito, atiram com uma arma ao céu. Havendo, portanto, uma circularidade na narrativa, cumprindo-se as previsões sombrias do sogro.

Retomando as discussões a respeito da onda imigratória, muitas ações foram feitas, sempre acompanhadas de embates pujantes, para a incorporação – ou não – desses imigrantes no “*sistema de representação cultural*”<sup>44</sup> nacional. Uma delas foi a criação do Conselho Nacional de Educação, entidade que deveria pensar como integrar os grupos estrangeiros e como agir com as escolas específicas de cada um desses grupos, por exemplo, com a escola italiana que

---

encontrarás la maldad, el odio a nuestra gente. ¿No? ¿Qué sabes tú de América, David? Has leído algunos libros, tienes, como se dice, una buena educación. ¿Pero sabes, David? Eres un judío, un leproso al que hay que tener alejado, siempre serás distinto a los demás.”

<sup>40</sup> [Tradução nossa] FINCHELSTEIN, Federico. *La Argentina fascista: los orígenes ideológicos de la dictadura*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012 (ebook), Loc. 732. Trecho original: “Fue durante la llamada Semana Trágica de 1919 cuando el antisemitismo argentino trascendió los escritos y se convirtió en práctica victimizadora. Luego fue con los fascistas de en las décadas del 30 y 40 que el nacionalismo antisemita ocupó un lugar principal”.

<sup>41</sup> [Tradução nossa] ORGAMBIDE, Pedro. *Op. cit.*, 1984, p.14. Trecho original: “¿Qué importa adónde vamos? Vamos adonde no nos matem, Liuba. Eso es todo lo que puede esperar un judío. Mira, mi muñeca, mira, mi amor, será mejor que dejes de soñar con América ¿sí? ¿Qué ha ganado tu padre con soñar? Míralo, leyendo sus libros como siempre. ¿Pudo salvar a su hermano con libros? No ¿no es cierto?”

<sup>42</sup> Expressão, segundo Freidenberg, imortalizada por Alberto Gerchunoff que nasceu na Rússia e imigrou para a Argentina, tendo vivido tanto na colônia no interior como na cidade de Buenos Aires, onde desenvolveu o texto *Los gaúchos judíos*, de 1910. Para se ter uma ideia da migração e da formação de colônias judaicas na província de Entre Ríos, seguimos com Freidenberg, que afirma que “El inmigrante judío se instaló en áreas rurales a la Argentina: 64% de la población judía de la Argentina vivía en Entre Ríos en 1895 (Elkin 1978), y los judíos siguieron siendo mayoría hasta principios de la década de 1940. (FREIDENBERG, Judith. *La invención del gaucho judío: Villa Clara y la construcción de la identidad argentina*. Buenos Aires: Promeyo Libros, 2013. p. 71)

<sup>43</sup> ORGAMBIDE, Pedro. *Op. cit.*, 1984, p. 173. Trecho original, grafado em caixa alta: “HAGA PATRIA. MATE A UN JUDIO”

<sup>44</sup> HALL, *Op. cit.*, p. 49.

mantinha a língua, os costumes e o processo de aprendizagem da pátria distante. Além dele, foi estruturado um aparato legal para lidar com esse grupo, com sistemas de controle e instrumentos institucionais. O que fazer quando o contingente se torna maior do que o esperado, intensificando a circulação de ideias, a troca de experiências e a organização dos movimentos de classe? Vejamos como isso está representado no romance:

- Se eu fosse presidente, os atirava para fora do país.
- E eu, *che*. Já não se sabe quem é quem na pátria.
- Certo!
- Tudo o que eles fazem é armar bagunças.
- Você viu? Eles chegaram com os pombos e começaram as greves.
- Por algum motivo deixaram sua terra natal. Santos não são...
- Pessoas da pior ...
- Bandidos, como Garibaldi.
- Para, *che*, que aí vem um *carcamano*<sup>45</sup>...<sup>46</sup>

Existiu uma “reação anti-gringa”<sup>47</sup> que formou um clima de rivalidade, enfrentamentos e desacordos, dando ensejo, também, ao surgimento de um partido mais conservador que, por sua vez, buscava o sentimento nacional contra a ação dos gringos. Com essa polarização, como definir então quem é o argentino? Como assimilar o estrangeiro sem perder as características “puras”, resgatadas da figura original das matrizes *criollas*? Como evitar a troca de ideias entre os trabalhadores, num processo de tomada de consciência? A distinção de classes entra na discussão da identidade nacional, na qual “as classes são grupos que ganham forma em torno das relações dominantes de exploração e que dividem uma sociedade; a nacionalidade é uma forma cultural ou política singular de vida que uma sociedade inteira pode assumir”.<sup>48</sup>

### Terceiro romance

Seguindo nessa questão mais voltada à política e aos movimentos de classe, serão destacadas do terceiro romance as representações acerca de um movimento bastante particular e específico da Argentina: o peronismo. Como o tema é demasiadamente complexo, serão pontuadas as questões a respeito do 17 de outubro de 1945, como parte da construção de uma data mítica para o peronismo, “apesar das reivindicações de algumas das versões de seus mitos, (...) o “nascimento” da categoria peronista pode ser localizado com relativa precisão: sem dúvida

---

<sup>45</sup> Tradução da forma pejorativa de chamar os primeiros imigrantes italiano, no Brasil.

<sup>46</sup> [Tradução nossa] ORGAMBIDE, Pedro. *Op. cit.*, 1984, p.39. Trecho original: “– Si yo fuera Presidente, los echaba a todos del país.

“– Y yo, che. Ya no se sabe quién es quién en la Patria.

– ¡Justo!

– Lo único que hacen es armar boliche.

– ¿Vio? Ellos llegaron con los gorriones y empezaron las huelgas.

– Por algo los largaron de sus patrias. Santos no son...

– Gente de lo peor...

– Bandidos como Garibaldi.

– Pará, che, que ahí llega a un tano...”

<sup>47</sup> BERTONI, Lilia Ana. *Patriotas, cosmopolitas y nacionalistas: la construcción de la nacionalidad argentina a fines del siglo XIX*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2001, p. 143.

<sup>48</sup> BALAKRISHNAN, Gopal. “A imaginação nacional” *in.*: BALAKRISHNAN, Gopal. (org.) *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001, p.2011

ninguém pronunciou ou ouviu a palavra peronismo antes de meados dos anos 1940”.<sup>49</sup> Vejamos como esse momento de nascimento está representado no romance: “Em 45, a palavra peronista ainda não havia sido inventada, mas todos nós que estávamos na Plaza éramos peronistas, embora não tivéssemos esse nome.”<sup>50</sup>

Essa afirmação propõe que o peronismo, enquanto movimento político, tenha sido um processo construído, forjado, e que cada uma de suas interpretações demonstram um projeto de um sentido nacional. Quem a propôs foi Rufino Soria, órfão que, desde pequeno, trabalha para sobreviver na cidade com sua irmã, ambos personagens do núcleo dos trabalhadores que vão se posicionando frente às mudanças políticas da cidade, cada qual com suas perspectivas.

Esta obra, *Pura memoria*, destoa um pouco do conjunto por não tratar de um momento específico. Ela é um panorama que começa a ser contado por duas famílias da elite *criolla* – os Ordóñez e os Bustamantes, que participaram das guerras internas pós independência e cujos descendentes vão narrando outras passagens subsequentes da história, tais como seus contatos com o processo de imigração e com a formação dos movimentos de classe por meio de seus relacionamentos interpessoais, tais como suas relações com o 17 de outubro e com o bombardeio da Praça de Maio em 1955, desfecho da história. Esses dois momentos vinculam todos os personagens e mostram algumas das diferentes perspectivas sobre eles.

Naquela manhã de 45, o tenente Juan Manuel Odoñez levantou-se com a sensação de que algo estava errado no mundo. (...) “Então Perón está na prisão? Pilatos está preso?”, brincou Juan Manuel enquanto untava as torradas, com os olhos fixos em Giber que, ele sabia, simpatizava com Perón (...).<sup>51</sup>

Neste excerto, há o posicionamento de um filho da elite *criolla* militar, seguindo a postura e a carreira de seus ascendentes. Outro ponto relevante é a presença de posicionamento político nas forças armadas. O interessante é notar que a grande unanimidade que cerca o peronismo é o reconhecimento de sua polêmica.<sup>52</sup>

O 17 de outubro de 1945 foi transformado no dia em que o coronel Juan Domingo Perón passou a fazer parte do povo. Alguns dias antes, em 9 de outubro, Perón foi obrigado a renunciar a todos os cargos políticos que exercia desde o golpe de 1943<sup>53</sup>. Antes desconhecido, o militar

---

<sup>49</sup> [Tradução nossa] NEIBURG, Federico. “*La constitucion de la sociologia en la Argentina y el peronismo*”. In: *Desarrollo Económico*. Vol 34, no. 136, jan-mar, 1995, p.535. Trecho original: “a pesar de las pretensiones de algunas de las versiones de sus mitos, (...) el “nacimient” de la categoría peronismo puede ubicarse con relativa exactitud: sin duda nadie pronuncio o escuchó la palabra peronismo antes de mediados de la década de 1940.”

<sup>50</sup> [Tradução nossa] ORGAMBIDE, Pedro. *Pura memoria*. Buenos Aires: Bruguera, 1985, p.141. Trecho original: “En el 45 todavía no se había inventado la palabra peronista pero todos los que estábamos en la Plaza éramos peronistas aunque no tuviéramos ese nombre”

<sup>51</sup> [Tradução nossa] ORGAMBIDE, Pedro. *Op. cit.*, 1985, p.104-105. Trecho original: “Aquella mañana del 45, el teniente Juan Manuel Odóñez, se levantó con el presentimiento de que algo andaba mal en el mundo. (...)”

“Así que Perón está preso? ¿Pilatos está preso?” – bromeó Juan Manuel mientras untava las tostadas, los ojos fijos en Giber que, lo sabía, simpatizaba con Perón (...).”

<sup>52</sup> Cf. NEIBURG, Federico. *Op. cit.*, p. 533.

<sup>53</sup> Nesse início dos anos de 1940, as alianças políticas começaram a ser feitas incluindo os chefes militares, na intenção de que as Forças Armadas conseguissem impor um certo equilíbrio institucional, para minimizar a agitação política e os protestos. Nesse momento, estava sendo organizada o *Grupo de Oficiales Unidos*

passou a ser visto como o homem forte do governo e como um dos mentores do golpe. Tratava-se de um período de muitos questionamentos acerca das medidas tomadas pelo governo: internos, por conta das ações trabalhistas; e externos, por conta da manutenção da neutralidade frente à Segunda Guerra Mundial, que tendia a um apoio ao Eixo.<sup>54</sup>

Sob um clima crescente de tensões e conflitos, Perón foi preso no dia 12 de outubro. Como resposta,

[a] Confederação Geral do Trabalho (CGT) decidia, com uma votação apertada, a convocação de uma greve geral para o dia 18, e enquanto o governo não conseguia formar um novo gabinete e a oposição parecia imobilizada, milhares de manifestantes começaram a percorrer as ruas das principais cidades do país, pedindo a libertação do coronel. Durante a tarde daquele dia e do seguinte produziu-se um acontecimento até então inédito na história política do país: uma multidão invadiu o centro da cidade de Buenos Aires. Exigindo a presença de Perón, a multidão atreveu-se a tomar conta da Plaza de Mayo. Algumas fontes talam em 200 mil pessoas, outras calculam em meio milhão, ou chegam a afirmar que foram mais de um milhão de homens e mulheres. Vindos, em sua maioria, das áreas periféricas da capital, os manifestantes pareciam ter tomado conta da cidade.<sup>55</sup>

Perón apareceu no balcão da Casa Rosada no final do dia, de onde fez uma declaração. Essa simbologia com a sede do governo foi bastante utilizada para a conclamação de um espetáculo que foi mitologizado depois que Perón foi eleito presidente em fevereiro do ano seguinte, consagrando-se como parte do povo e líder das massas. Por um lado, essas são as afirmações do lado mais conservador da história:

... Um carnaval, um aluvião zoológico, um barulho, uma zona, todas aquelas pessoas dançando na Plaza, tocando o bumbo, o que é isso? Eles enchem as ruas, saem da boca do metrô, como formigas, aluvião zoológico, escaladas nas árvores, cavalos, cavalos relinchando, potros, potros, éguas. Carnaval. Aluvião. Chovem como moscas. De onde tantos vêm? (...) *pensa Bustamante e começa a meditar um discurso, um apelo muito duro, bem patriótico.*<sup>56</sup>

---

(G.O.U.), do qual Peron fazia parte. Esse grupo encabeçou o golpe militar que tirou o presidente Castillo do poder e, em seu lugar, assumiu o general Ramírez. Peron participou do golpe militar e foi se destacando na política, era “uno de los miembros más influyentes del GOU, secretario del ministro de Guerra Farrell y luego ministro, cuando Farrell reemplazo Ramírez en la presidencia en febrero de 1944. Poco después, en julio, y luego de desplazar a varios posibles competidores, Peron llego a ser vicepresidente y el alma verdadera del gobierno.

Perón sobressaía de entre sus colegas por su capacidad profesional y por la amplitud de sus miras políticas. (...) A cargo de la Dirección Nacional del Trabajo – que poco después convirtió en secretaría –, se dedicó a vincularse con los dirigentes sindicales. (...)

Desde la Secretaría del Trabajo, Perón expandía los mecanismos del Estado árbitro, esbozados durante el gobierno de Yrigoyen (...) y a la vez estimulaba la organización de los trabajadores, incentivaba sus reclamos, y precionaba para que estos fueran satisfechos.” ROMERO, Luis Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. segunda edición revisada y actualizada. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica. 2006, p. 97-99.

Cf. também: PLOTKIN, Mariano. “Primero de mayo y 17 de octubre: el origen de dos rituales” In: *Mañana es San Perón: propaganda, rituales políticos y educación en el régimen peronista (1946-1955)*. Buenos Aires: Ariel, 1993, p. 75-103.

<sup>54</sup> Cf. NEIBURG, Federico. “O 17 de outubro na Argentina: espaço e produção social do carisma” in.: *Revista brasileira de Ciências Sociais*. v.7 n.20. Rio de Janeiro, out. 1992. Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_20/rbcs20\\_07.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_20/rbcs20_07.htm)>. Acesso em: 07 out. 2019.

<sup>55</sup> Id. Ib. Sem referência de número de página.

<sup>56</sup> [Tradução nossa] ORGAMBIDE, Pedro. *Op. cit.*, 1985, p. 112. Trecho original: “...Un carnaval, un aluvião zoológico, un batifondo un quilombo, toda esa gente bailando en la Plaza, tocando el bombo ¿qué es eso? Llenan las calles, salen de la boca del subte, como hormigas, aluvião zoológico, trepados a los árboles, caballos, caballos relinchando, potros, potrillos, yeguas. Carnaval. Aluvião. Lluven como moscas. ¿De

Por outro, o mesmo Soria, já citado, conta o que viu nas ruas:

Uma mulher, com o filho nos braços, insultou os patrões. Ele riu, pensando em sua irmã, tão pequena, que nunca ouviu um palavrão, nem por acaso. E em seu cunhado, que ansiava pelos bons tempos de Marcelo T. de Alvear, os bons anos vinte, embora os pobres sempre fossem fofidos, mesmo nos bons tempos. (...) “Perón! Perón!” – os garotos gritam e ele tenta alcançá-los pela retaguarda e a bandeira continua sacudindo as cabeças das pessoas. “Para a Praça!” “Para a Praça!” (...) Trabalhadores com macacão, gente de terno e roupa de rancho, peão com boina ou lenço amarrado na cabeça. Todo mundo vai para a Praça. No centro da cidade, os comerciantes fecham as cortinas de seus negócios. As pessoas saem dos cafés e das bocas do metrô. Saem às varandas olhar para fora e ver a coluna que avança, um homem alto, de alpercatas, agitando a bandeira da Argentina no meio da multidão, os cartazes, as pessoas ainda vêm para a Praça de Mayo nesse 17 outubro de 1945, que Rufino Soria não pode esquecer, mesmo que passem os anos e anos e a memória nos falhe, às vezes, porque tantas coisas aconteceram desde então.<sup>57</sup>

Em cada um dos trechos transcritos há a ideia de uma multidão polimorfa que caminha e que agita a bandeira, um dos símbolos máximos do Estado consolidado. No estudo de Neiburg, sobre a criação das escolas de sociologia na Argentina e a gana de se entender a crise permanente do país por meio do estudo do peronismo, há a afirmação de que, apesar de extremadas, “todas as versões coincidem em apontar para o 17 de outubro de 1945 como um dos momentos fortes da permanente *crise* do país, (...) o símbolo de uma proposta – positiva ou negativa – de constituição da Nação”.<sup>58</sup>

Uma das propostas de nação foi afirmada nesta data, que ficou conhecida como sendo o momento legitimador do poder de Perón, tornando evidente que “as reelaborações sucessivas mostram como a sobrevivência simbólica dos indivíduos e das coletividades depende da manutenção de referências identitárias”.<sup>59</sup>

Mais um motivo pelo qual pode-se afirmar que as identidades não são naturalizadas: são, antes, construídas e significadas a cada momento, sendo notável a inclusão das discussões acerca do peronismo como fundamentais na sociedade argentina.

---

dónde vienen tantos? (...) *piensa Bustamante y empieza a meditar un discurso, un alegato bien duro che, bien patriótico*.” Grifos originais mantidos porque a parte em destaque representa um pensamento, um sonho do personagem.

<sup>57</sup> [Tradução nossa] *Id. ib.*, p. 114. Trecho original: “Una mujer, con su hijo en los brazos, injuriaba a los patrones. Él se rio, pensando en su hermana, tan modosita, a la que nunca le oyó una mala palabra, ni por casualidad. Y en su cuñado, que añoraba los buenos tiempos de Marcelo T. de Alvear, los buenos años veinte aunque el pobre siempre se jodió, hasta en los buenos tiempos. (...) “¡Perón! ¡Perón!” – gritan los muchachos y él trata de alcanzarlos desde la retaguarda y la bandera sigue agitándose sobre las cabezas de la gente. “¡A la Plaza!” “¡A la Plaza!”. (...) Obreros con overoles, gente de traje y rancho, peones con boinas o pañuelo anudado en la cabeza. Todos van a la Plaza. En el centro de la ciudad, los comerciantes bajan las persianas de sus negocios. Sale la gente de los cafés y las bocas del subte. Se asoman a los balcones y ven a la columna que avanza, al hombre alto, de alpargatas, agitando la bandera argentina en medio de la multitud, los carteles, la gente sigue llegando a la Plaza de Mayo ese 17 de octubre de 1945, que Rufino Soria no puede olvidar aunque pasen los años y los años y la memoria nos falle a veces porque pasaron tantas cosas desde entonces.”

<sup>58</sup> [Tradução nossa] NEIBURG, Federico. *Op. cit.*, 1995, p. 545 Trecho original: “todas las versiones coinciden en señalar al 17 de octubre de 1945 como uno de los momentos fuertes en la *crisis* permanente del país, (...) el símbolo de una propuesta – positiva o negativa – de constitución de la Nación”. Grifo mantido do texto original.

<sup>59</sup> PRADO, Maria Lígia Coelho. *Op. cit.*, p. 71.

## À guisa de uma proposta de conclusão

A proposta deste trabalho foi experimentar um pouco das possibilidades da relação entre literatura e história. Na trilogia sob estudo, a “‘imaginação histórica’ oferece um conjunto de personagens e uma organização narrativizada de suas relações; ao fazê-lo recorre à ideologia, às retóricas e à experiência. Ela se coloca problemas, indaga causas, define hipóteses sobre o passado (...); articula perspectivas”.<sup>60</sup>

O que se buscou foi explorá-las por meio das representações identitárias que remetem a algumas figuras do ser argentino, emergindo disso discussões sobre as identidades e sobre os processos de significação e construção desse sentimento nacional, que discorrem sobre a unidade e ao seu inquestionável pertencimento a partir do exercício com cada um dos volumes da trilogia.

A complexidade da temática que envolve as questões das múltiplas identidades culturais e a construção e a combinação de diversos elementos de acordo com o momento em que vivem para a formalização de um sentimento de pertença a uma nação pode ser evidenciada por meio dessas obras.

O que foi percebido, no entanto e como traço comum dos romances, é que, mesmo tratando de representações distintas e de diferentes momentos históricos, eles mostram que há sempre um traço que marca a bipolaridade que há na Argentina:

Uma Argentina era visível, urbana, moderna, cosmopolita, ligada ao mercado mundial através da metrópole, Buenos Aires. A outra Argentina estava escondida, rural, tradicional, ligada ao mercado interno e sua máxima expressão eram as províncias do interior do país. (...) Desde então, toda a leitura da *crise argentina* deve ter teorizado a natureza “imperfeita” dessa relação [entre projetos políticos]. Uma nação dividida. Uma sociedade mal integrada. Esse também foi o diagnóstico compartilhado por todas as fórmulas sobre as *causas* do peronismo: ele revelava a *persistência* da crise argentina.<sup>61</sup>

Essa crise aparece nessas obras de Pedro Orgambide. Em cada um deles a sua maneira. No primeiro, com a disputa entre unitários e federais no processo de formação da nação argentina. No segundo, por meio das relações complexas entre o argentino e o imigrante e em como essas duas forças diversas poderiam compor uma nação. E, no terceiro, com a aparição em cena do próprio peronismo que articula vozes dissonantes em relação a esse posicionamento. Além disso, pode-se perceber que por meio da construção ficcional dessas figuras trabalhadas uma série de identificações e de elementos que favorecem um sentimento

<sup>60</sup> SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920-1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 374.

<sup>61</sup> [Tradução nossa] NEIBURG, Federico. *Op. cit.*, 1995, p. 539-540. Trecho original: “Una Argentina era visible, urbana, moderna, cosmopolita, ligada al mercado mundial por medio de la metrópoli de Buenos Aires. La otra Argentina era oculta, rural, tradicional, ligada al mercado interno y su máxima expresión eran las provincias del interior del país. (...) Desde entonces, toda la lectura de la *crisis argentina* debió tematizar el carácter “imperfecto” de esa relación [entre los proyectos políticos]. Una nación dividida. Una sociedad mal integrada. Ese era también el diagnóstico compartido por todas las fórmulas sobre las *causas* del peronismo: él era *revelador* de la *persistencia* de la crisis argentina.” Grifos mantidos do texto original.

de pertença a grupos (nacionais), ou seja, mostra-se a cor local, o específico argentino, evidenciando, mais uma vez, que não se trata de conceitos fixos ou estáticos.

Se consideramos a prerrogativa do escritor espanhol Manuel Rivas<sup>62</sup> de que: “o escritor é um repositório de memórias, memórias do passado e memórias contemporâneas, de experiências que você [leitor] recompõe”. E é dessa forma, por meio dessas experiências, dessa memória, então, que o passado é reconstruído e retransmitido ficcionalmente nesta trilogia composta por Orgambide.

Foi, portanto, a partir das relações entre a memória individual, próxima à experiência e relativa ao tempo vivido, e a memória coletiva, aquela que registra os saberes e as informações de gerações anteriores e que representam a extrapolação do tempo vivido (tempo finito da vida humana), que surgiram as reflexões sobre a identidade e sobre a pátria em Pedro Orgambide. Tratava-se de uma tentativa de se negar ao esquecimento já que este encontrava-se exilado e distante da Argentina e, a partir do México, fez esse processo de (re)construção, resgatando e selecionando as lembranças e os esquecimentos (dele, com sua memória individual e coletiva) para a elaboração de sua trama, fixando, assim, sua versão (ficcional) da história argentina com certas figuras-chave que para ele representam a nação.

Artigo recebido em 26/03/2019  
e aprovado para publicação em 13/10/2019

---

<sup>62</sup> [Tradução nossa] RIVAS, Martín *apud* KOBIELA-KWASNIEWSKA, Marta. “La nueva novela de guerra civil como respuesta reivindicatoria al pasado silenciado”. In: GARCÍA-REYDY, A. (Coord) Páginas que no callan. Historia, memoria e identidad en la literatura hispánica. Valencia. PUV, 2014 (ebook), loc. 715. Trecho original: “el escritor es un depositario de memorias, de memorias del pasado y de memorias contemporâneas, de experiencias que tú [lector] recompones”.